

## **NO SURPRISES: DR. HOUSE E A IDENTIDADE NO ESTADO DEPRESSIVO: UM ESTUDO DE CASO EM PERSPECTIVA TEOLÓGICA**

Renato Ferreira Machado\*

### **RESUMO**

O artigo apresenta a análise do episódio *Derrotado* (*Broken*, House M.D., 6ª temporada), no qual o personagem principal passa por um tratamento de desintoxicação em uma clínica psiquiátrica. O dramático sofrimento do protagonista da série simboliza a experiência de abandono e a busca por redenção frente às limitações pessoais. Mostra-se também a resistência do personagem ao tratamento, de maneira especial às terapias grupais às quais precisa se submeter. A rebeldia e o sarcasmo do Dr. House são entendidas como metáforas de uma humanidade que caminha da autossuficiência para a alteridade misericordiosa, aprofundando sua identidade. Destaca-se, também, o terapeuta que trata do caso: diante de um paciente irascível, ele acaba flexibilizando e negociando espaços de convivência para despertar seu paciente quanto à seriedade de seu estado. Atuando como um Pai Acolhedor, ele assume o *filho* em sua miséria e o encoraja a retomar a vida, apesar dos sofrimentos que esta experiência lhe traz.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dr. House – teologia – identidade – depressão – misericórdia

### **ABSTRACT**

This paper presents the analysis of the episode *Broken* (House MD, season 6), in which the main character goes through a detoxification treatment in a psychiatric clinic. The dramatic suffering of the protagonist of the series symbolizes the experience of abandonment and the quest for redemption in the face of personal limitations. It is also shown the resistance of the character to the treatment, especially for therapy group which need to undergo. The rebellion and sarcasm of Dr. House are seen as metaphors of a humanity that goes to the otherness of self-sufficiency merciful, deepening their identity. It is noteworthy, too, the therapist who deals with the case: when a patient irascible, he ends up negotiating more flexible living spaces and to arouse the patient as to the seriousness of his condition. Acting as a Father Inviting, he takes the child in their misery and encourages him to resume life, despite the suffering that this experience brings.

**KEYWORDS:** Dr. House - Theology - identity - depression - mercy

---

\* Renato Ferreira Machado, doutorando em Teologia no Programa de Pós-Graduação das Faculdades EST, com bolsa do CAPES. O presente artigo se insere em minha atual pesquisa no doutorado, onde sou orientado pelo Prof. Dr. Remí Klein e deverá integrar a tese *Todo mundo mente: Dr. House e a teologia da integralidade humana*. E-mail: [gaulkemachado@terra.com.br](mailto:gaulkemachado@terra.com.br) ou [renatoferreiramachado@gmail.com](mailto:renatoferreiramachado@gmail.com)

*Um coração que está cheio como um aterro  
Um emprego que te mata lentamente  
Feridas que não vão cicatrizar  
(No Surprises – Radiohead)*

Ao longo de oito anos, o seriado *Dr. House* tornou-se quase que uma unanimidade de público e crítica. Com os altos e baixos que qualquer serie de televisão apresenta, as histórias protagonizadas pelo ranzinza *Gregory House* atraem tanto pelos enigmas médicos que são resolvidos a cada episódio, quanto pelo caráter de seu protagonista, que insiste em ser uma rocha irremovível em um mundo que vive avassaladoras mudanças. Por isso, provavelmente o personagem interpretado por Hugh Laurie venha funcionado como uma espécie de *reflexo libertador* para seus espectadores: no fundo, todos gostariam de ser como o Dr. House, ou seja, ter sempre uma ironia na ponta da língua, falar o que vem à mente sem a menor culpa e, principalmente, serem tão bons naquilo que fazem a ponto de se tornarem inquestionáveis. Aqueles que assistem a episódios esparsos podem construir esta imagem do personagem. Os que, porém, acompanham a série sequencialmente, mesmo alimentando uma profunda admiração pelo médico, sabem que seu jeito de ser é uma consequência de um complexo de questões existenciais, carregadas por ele desde muito tempo. Por esta razão, o episódio *Derrotado* (*Broken*, House M.D., 6ª temporada), que abriu a sexta temporada do seriado, em 2009, merece especial atenção: ao aprofundar-se nos problemas vividos pelo protagonista, a história acaba entregando um belo e sensível estudo sobre as fragilidades humanas e a busca por redenção.

## **SEM SURPRESAS**

Aqueles que acompanharam a temporada precedente ao episódio que estamos analisando perceberam que o personagem estava, aos poucos, entrando em uma espiral de loucura e autodestruição. Utilizando em excesso o analgésico prescrito para

suas dores crônicas, o Dr. House começa a sofrer de alucinações, envolvendo duas grandes culpas que já o atormentavam: o suicídio de Lawrence Kutner e a morte de Amber Volakis, médicos de sua equipe. O primeiro, ao tirar sua vida, colocou Gregory House frente a um dilema sem resolução, ou seja, o fato de não ter percebido as tendências suicidas de alguém tão próximo. A segunda, por sua vez, teve sua morte provocada pelo próprio House: em determinada noite, ele estava embriagado e teve as chaves de sua moto recolhidas pelo dono do bar onde se encontrava. Telefonando para seu (único) amigo, Dr. Wilson, House pede que ele o busque. Quem acaba indo é a namorada de Wilson, Dr<sup>a</sup> Amber que, ao embarcar com House em um ônibus para chegar em casa, acaba sendo vítima de um acidente que ocorre com o veículo. House estava convencido de que ele deveria ter morrido, uma vez que era um solitário infeliz, ao invés dela, que estava começando uma relação promissora com seu amigo.

Todo este quadro acaba levando o médico a internar-se em uma clínica psiquiátrica, onde se encontra no já referido episódio inicial da sexta temporada. Produzido como um longa metragem (nos Estados Unidos sua estreia foi nos cinemas), este episódio se diferencia dos demais por vários fatores. Primeiramente, ele não se passa no *Priceton Plainsboro Teaching Hospital*, no qual a série normalmente se desenrola. Da mesma forma, à exceção de House e Wilson, os demais personagens fixos da série não aparecem, dando lugar aos pacientes e médicos da clínica *Mayfield*. Tudo isso lança Gregory House em um território inóspito, no qual ele não é mais o médico chefe que toma todas as decisões, mas um paciente que precisa rever sua capacidade de decidir. Com tantas diferenças, há um toque de genialidade na sequência inicial do episódio: observa-se House passando pela desintoxicação inicial, com grande sofrimento, ao som da canção *No Surprises*, da banda inglesa *Radiohead*. Ou seja, a situação em que ele se encontra é aquela na qual nada mais pode ser esperado. Não há mais alternativas, fugas ou disfarces: é necessário encarar a própria miséria e a própria dor para começar a tratar das feridas abertas. Talvez se encontre aí um sentido metafórico para a palavra *depressão*: estado no qual se chega ao profundo de uma vida desgastada, assumindo todo peso que oprime o viver para lidar com os dados da realidade sobre este estado.

Pode surpreender que eu diga, baseado em minha prática profissional, assim como na de meus colegas psicólogos e psiquiatras, que o problema fundamental do homem, em meados do Século XX, é o *vazio*. Com isso quero dizer não só que muita gente ignora o que quer, mas também que frequentemente não tem uma ideia nítida do que sente.<sup>1</sup>

Interessante perceber, neste sentido, como se multiplica no twitter a hashtag *#depressão*, a partir do *meme*<sup>2</sup> *cão da depressão*: são centenas de contas nas quais as pessoas postam situações cotidianas nas quais nunca se dão bem. De certa forma, estas manifestações vão revelando um cotidiano desesperançado, no qual as aparências valem mais do que a essência. Importante observar que estas manifestações são bem frequentes quanto à escola, com postagens irônicas de estudantes sobre seus problemas cotidianos.

## ASTRONAUTA

Ao concluir sua desintoxicação, House se dirige à direção da clínica para providenciar sua alta. Para ele, se o problema eram as alucinações causadas pelo abuso de analgésicos, já estava tudo resolvido: seu organismo estava livre das toxinas, sua perna não estava doendo e ele estava lúcido o suficiente para saber disso tudo. É nesta situação que ele conhece o Dr. Darryl Nolan, psiquiatra encarregado de seu caso e diretor da clínica.

House: *A ânsia de vômito se foi e eu também vou.*

Enfermeira: *Vou falar com o médico.*

House: *Não. Vim por conta própria. Você tem que falar comigo.*

Enfermeira: *Lamento. O Dr. Nolan deixou instruções específicas.*

House (entrando na sala do Dr. Nolan): *Uau! E ele é negro! Devia ser mais sensível em relação à escravidão. Não pode me prender.*

Dr. Nolan: *Parece bem melhor.*

<sup>1</sup> MAY, Rollo. *O Homem à procura de Si Mesmo*. 34ª edição. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 13-14

<sup>2</sup> Um meme, termo cunhado em 1976 por Richard Dawkins no seu bestseller *O Gene Egoísta*, é para a memória o análogo do gene na genética, a sua unidade mínima. É considerado como uma unidade de informação que se multiplica de cérebro em cérebro, ou entre locais onde a informação é armazenada (como livros) e outros locais de armazenamento ou cérebros. No que diz respeito à sua funcionalidade, o meme é considerado uma unidade de evolução cultural que pode de alguma forma autopropagar-se. Os memes podem ser ideias ou partes de ideias, línguas, sons, desenhos, capacidades, valores estéticos e morais, ou qualquer outra coisa que possa ser aprendida facilmente e transmitida enquanto unidade autônoma. O estudo dos modelos evolutivos da transferência de informação é conhecido como memética. <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme>> acesso em 29 de outubro de 2011.

House: *Estou bem melhor. Não tomei analgésico, não estou delirando. A perna dói, mas é suportável. Parabéns! Vou sentir saudades. Quero sentir saudades o quanto antes.*

Dr. Nolan: *Legalmente, pode ir quando quiser. Mas sugiro que fique.*

House: *Levarei isso em consideração.*

Dr. Nolan: *Se delirava por causa da hidrocodona, por que não foi a uma clínica de desintoxicação?*

House: *Fui convencido de que estava enlouquecendo.*

Dr. Nolan: *Mas abusava de hidrocodona havia anos. Nunca teve delírios, nunca teve insônia, nunca teve problemas, além de ser narcisista e antissocial, até dois colegas morrerem. Seu pai morreu. Seus problemas vão além da hidrocodona.*

House: *Isso não vai me animar, vai?*

Dr. Nolan: *Precisa ir para a ala de internação longa, ser medicado, fazer terapia...*

House: *Já entendi. Só tem uma coisa que me confunde: posso sair quando eu quiser. Que tal começar por aí?*

Dr. Nolan: *Não pode voltar a praticar medicina.*

House: *Não quero voltar a praticar medicina. Resolvi ser astronauta.*

Dr. Nolan: *Bem, se quiser a licença para ser astronauta, vai precisar que eu o recomende.*

House: *É algum novo tratamento popular? Chantagem?*

Dr. Nolan: *Você precisa ficar bom.*

Esta sequência em especial faz uma clara homenagem ao clássico *Um estranho no ninho*, no qual um delinquente vai para uma clínica psiquiátrica pensando que cumpriria sua pena com *mordomias*, mas acaba descobrindo que ele mesmo era sua prisão. House tem o mesmo dilema: ele se considera em condições de ter alta, mas precisa provar que está saudável e isto implica em realizar todo o tratamento a ele prescrito, o que inclui interações, entrevistas e terapia em grupo. Ele precisará submeter-se ao que ele mais despreza e odeia e, ainda por cima, mostrar certo progresso em seu quadro. Junto a isso, obviamente, há a ingestão de alguns medicamentos.

Gregory House é um homem racional, que enxerga a realidade em preto e branco. Para ele, não existem meias-verdades: apenas a verdade ou a mentira. Chega-se à verdade pelos fatos e tudo que escapar a esse horizonte não possui relevância para a vida das pessoas. Facilmente identifica-se nesta atitude o modelo de pensamento da modernidade européia, para a qual os conhecimentos poderiam ser todos quantificados e organizados de forma enciclopédica, ficando ao alcance de todos.

A segregação de ciência e sociedade, de ciências e humanidades, de técnica e ética era e é necessária, a fim de libertar a ciência – na pesquisa e na aplicação – das delimitações de sistemas morais e axiológicos sociais existentes como também de ideologias sociais. (...) Mas hoje a integração entre ciência e sociedade é igualmente necessária, para libertar a ciência de seus novos papéis quase religiosos, em que elas caíram pelo suposto isolamento em relação aos interesses e sistemas axiológicos sociais. Se antes os sacerdotes guardavam o saber dominante contra os leigos, isso passou hoje para a mão dos especialistas – o leigo continua na mesma situação.<sup>3</sup>

Ao mesmo tempo, ao longo da trajetória da serie, o próprio House demonstra que o conhecimento adquirido não possui utilidade alguma se não o associarmos às situações concretas da realidade. Por isso, sua obsessão em resolver casos complexos cujas enfermidades passam despercebidas pela maioria dos médicos. Para tanto, ele desenvolve sua prática a partir dos contextos vividos por seus pacientes, levando ao entendimento de que a verdade da enciclopédia precisa se encaixar na realidade e esta só pode ser descoberta na história do paciente, não apenas nos sintomas. Seu drama, então, acaba sendo maior exatamente por manter sua própria vida tão fechada sobre si mesmo que ele não tem quem a investigue e resgate suas narrativas. O que lhe resta é reencontrar sentido para ela na crise do *lugar estranho* onde se encontra. Mas Gregory House se deixaria investigar?

## **PALAVRAS SILENCIADAS**

O contato com os demais pacientes nas sessões de terapia em grupo não é apenas entediante para House: é um verdadeiro teste de paciência para sua inteligência. O problema para ele não se encontra nos demais internos, mas no tipo de abordagem feita pela clínica. Da maneira como o episódio vai mostrando, percebe-se uma intervenção paternalista junto aos pacientes, na qual a segurança é dada pela figura da terapeuta que conduz as sessões de grupo. Nisso, a perspicácia de House, alimentada por sua indignação, começa a intervir nas rotinas das sessões. Na primeira sessão em que participa, House começa a identificar em voz alta os problemas dos pacientes, chegando a perguntar a uma delas, que tentara se suicidar, como ela se

---

<sup>3</sup> MOLTMANN, Jürgen. *Ciência e Sabedoria*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 166-167

sentia sendo uma fracassada (afinal, ela não fora capaz nem de tirar sua própria vida). Invariavelmente, por causa dessas atitudes, House acaba sendo confinado em uma solitária para pacientes rebeldes. Aqui se encontra um elemento importante desta história: o que se vê simbolizado nestas sessões é o retrato de uma cultura psicologizante que mascara as raízes do sofrimento humano. Tudo parece ser abordado como se houvesse um estado de absoluta normalidade que precisasse ser alcançado por todos.

Nada mais irreal do que identificar o neo-individualismo como um descontrolado *laisser-aller*. De todos os lados, barreiras e regras são exigidas; de todos os lados, conceitos referentes ao trabalho, à vida saudável, ao respeito e à auto-realização voltam ao centro das atenções, mobilizam as vontades e os anseios subjetivos – são os grandes referenciais antes veiculados pela moral pessoal e que se apresentam agora sob nova forma.<sup>4</sup>

Da mesma forma, apesar das terapias grupais, todas as situações tendem a ser resolvidas no âmbito individual: não há causas externas, pois tudo se encontra no interior de cada um. Esta tendência já era denunciada na Conferência de Puebla, em 1979: na oportunidade, o episcopado latino-americano, ao realizar uma análise de contexto da América Latina, chamava atenção para a crescente idéia de ser humano reduzido ao seu psiquismo. A pessoa seria, assim, apenas uma vítima de seus instintos fundamentais, restringindo seu viver ao simples mecanismo de resposta a estímulos, perdendo assim, sua transcendência e liberdade.<sup>5</sup> Uma clara demonstração disso é vista em uma sequência na qual House, contra sua vontade, vai jogar basquete com os demais pacientes. Um a um, os pacientes acabam se afastando da quadra, pois House se utiliza dos problemas psicológicos deles para ficar com a bola: marca um claustrofóbico de forma invasiva até fazê-lo cair, diz a um paranoico que os satélites da CIA o estão observando e a um anoréxico que as calças que está usando lhe deixam mais gordo. Quando House termina de dismantelar o time, vê-se um dos pacientes chorando no ombro da terapeuta, demonstrando o total fracasso do modelo vigente na clínica.

---

<sup>4</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *A Sociedade Pós-Moralista*. Barueri: Manole, 2005. p. 62

<sup>5</sup> PUEBLA. *A Evangelização no Presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 163.

A terapia adotada pretende elevar a autoestima dos pacientes fazendo-os acreditar que são capazes de superar estes problemas voltando à normalidade, sem, no entanto dar voz aos mesmos. Aquilo que eles falam durante a terapia parece ser programado para parecer normal ou demonstrar melhora no quadro patológico. Quanto antes alguém parecer normal, mais cedo receberá alta. House sabe disso e, por não acreditar em normalidade, sabe que este caminho não levará a lugar algum. Por isso mesmo, chama sua atenção o caso de uma paciente que está muda há dez anos: trata-se de uma violoncelista que permanecia em estado de apatia, sem interagir com as pessoas ao seu redor. House se dá conta que não haveria causas orgânicas para deixá-la neste estado, restando, portanto, alguma causa emocional. O que teria subtraído a voz daquela mulher? Como ela poderia reencontrá-la?

## **APRENDENDO A VOAR**

A chegada de um novo paciente à clínica trará, para House, uma inusitada mudança de visão sobre sua situação. O jovem Steve, que se autoneomeia *Freedom Master*, acredita ser um super-herói incompreendido pelo mundo. Ele busca, na clínica, alternativas para ajudar a humanidade. Entre os superpoderes que ele acredita possuir estaria o de voar. Logo ao conhecer o grupo de terapia, Steve tem sua atenção chamada pela paciente que não fala. Em certa ocasião, ele percebe que ela olha fixamente para um único lugar quando está na sala e, observando o mesmo ponto, Steve conclui que ela está com o olhar fixo em uma caixa de música, alojada em uma prateleira fora do alcance dos pacientes. Logo, Steve diz que a voz dela fora roubada e colocada dentro daquela caixa. Como House está interessado em Lydia, cunhada daquela paciente, resolve dar corda à história de Steve e decide ajudar o suposto super-herói. Pegando emprestado o automóvel de Lydia, ele leva Steve a um parque de diversões e ambos brincam em um túnel de vento, que faz as pessoas flutuarem acima do chão. Com isso, Steve acredita ter recuperado seus poderes e House vai levá-lo de volta à clínica, para resolverem o caso da cunhada de Lydia. No caminho, porém, ocorre algo completamente imprevisto por House: acreditando realmente poder voar, Steve sobe em um parapeito e se joga de lá. Ele sobrevive, mas fica com sérias

fraturas em seu corpo. No hospital, House e o Dr. Nolan travam o diálogo central do episódio.

Dr. Nolan: *Ele tem sorte de estar vivo. Está com braço dilacerado, fratura pélvica por torção e fratura exposta no fêmur e no úmero. Você passou a vida tentando descobrir a verdade. Mas, de repente, com ele, você decide reforçar os delírios de um doente. Você só queria me atingir. Não está preocupado em ir embora. Não está preocupado com ele. Nem se preocupa com a verdade. Não se preocupa com nada, House. Vou transferi-lo para o Winslow. Será mais fácil passar a perna neles. Cansei.*  
House: *Não. Preciso de ajuda.*

## MISERICÓRDIA E RESPONSABILIDADE

Revelando-se um médico experiente e esperto o suficiente para enfrentar a personalidade de House, o Dr. Nolan assume, aqui, uma faceta misericordiosa que desarma seu paciente. Desde o início, o desejo de House é mostrar-se superior e isento a qualquer procedimento adotado na clínica. Para tanto, ele age no *piloto automático* de sua personalidade: desafia quaisquer autoridades estabelecidas e, principalmente, deixa claro que não se importa com ninguém, principalmente consigo mesmo. É diante de uma consequência concreta de suas atitudes, porém, que o diagnologista aceita rever seu proceder e isto é sinalizado pelo diretor da clínica.

A abordagem realizada pelo Dr. Nolan, aqui, pode encontrar paralelos, por exemplo, na parábola do Pai Misericordioso (Lc 15, 11-32): desde o início de seu contato com House, ele permite que o paciente aja em liberdade, concedendo, inclusive que ele vá embora da clínica quando bem entender. Ao mesmo tempo, porém, mostra-lhe claramente as conseqüências que virão com suas decisões. Da mesma forma que a volta do filho à casa do Pai é decidida quando este *cai em si* em meio à fome e ao padecimento em terra estrangeira (Lc 15, 15-19), a decisão de House se dá quando ele percebe ter empurrado para a morte alguém que estava sob sua responsabilidade, ao invés de resgata-lo para a vida.

Esta dinâmica também revela, no que diz respeito ao conhecimento da verdade, algo de escatológico. A obsessão de House com a verdade o leva a respostas objetivas para resolver os casos que lhe foram confiados, mas ele só chega a estas respostas olhando a totalidade da vida de seus pacientes. Neste processo, ao longo do seriado,

muitos foram os momentos de revelação e de tomada de decisões provocadas por ele em seus pacientes, perante a iminência da morte. Para o próprio médico, porém, é custoso admitir-se enfermo e desgastado em suas relações consigo e com os demais: agora, diante de alguém seriamente prejudicado por suas decisões e de um médico que se dispõe a auxiliá-lo apesar disso tudo, ele finalmente tem os elementos para compreender sua situação e decidir-se pelo que for melhor.

Na cena seguinte, ambos estão no consultório de Nolan.

House: *Como isso funciona?*

Dr. Nolan: *Você senta, eu sento e conversamos.*

House: *Sobre o que?*

Dr. Nolan: *Sobre o que quiser.*

House: *Quer que eu reclame da minha mãe?*

Dr. Nolan: *Quer reclamar da sua mãe?*

House: *Posso falar de quando eu tinha cinco anos e meu peixinho morreu.*

Dr. Nolan: *Se quiser começar por aí.*

House: *Um bilhão de coisas aconteceram comigo. Como vou saber o que é relevante?*

Dr. Nolan: *Tudo é relevante.*

House: *Então é melhor começarmos, pois a sessão pode durar cinquenta anos.*

Dr. Nolan: *Você é resultado de tudo que te aconteceu e, sim, alguns acontecimentos são mais relevantes que outros, mas só há como descobrir os mais relevantes conversando. Então, me diga. No que está pensando? O que você quer?*

House: *Quero ficar bom. Seja lá o que isso signifique. Estou cansado de sofrer.*

Dr. Nolan: *Então, quer ser feliz?*

House: *Está refletindo de novo. Sim, eu quero ser feliz.*

Dr. Nolan: *Ser feliz é uma meta excelente. Poucos pacientes conseguem idealizar exatamente o que esperam.*

House: *Parabéns para mim.*

Dr. Nolan (pegando um recipiente de comprimidos): *O que precisamos fazer agora é descobrir como tirá-lo desse estágio e deixá-lo feliz.*

House: *Antidepressivos? Esta é sua técnica genial?*

Dr. Nolan: *Não podemos ignorar nada que possa ajudar. Não se incomoda em tomar remédios.*

House: *Para a perna. Para a dor.*

Dr. Nolan: *Pense que é uma dor psicológica.*

House: *Não quero mudar quem eu sou.*

Dr. Nolan: *Infeliz? Acha que se tomar remédios vai perder seu diferencial? Vai parar de fazer as associações que o tornam um médico de sucesso?*

House: *Se Van Gogh tivesse sido seu paciente, teria pintado casas ao invés de "A Noite Estrelada".*

Dr. Nolan: *Van Gogh continuaria pintando belos quadros do céu à noite, mas talvez não do quarto do hospício.*

House: *Não tem como saber disso.*

Dr. Nolan: *Sei que as orelhas dele permaneceriam intactas. Eu sei que a vida dele teria sido melhor. Sei que não aceita de forma natural, mas quer que eu o ajude, então precisa confiar em mim.*

House (tomando o antidepressivo): *Delicioso.*

Pode-se dizer que é neste ponto que a terapia de House realmente se inicia. O médico sempre havia buscado segurança em sua autossuficiência e grande capacidade para se afirmar como pessoa. Agora, ele se dá conta de que o resgate de sua humanidade se encontra naquilo que o faz sonhar e não apenas em sua capacidade de enfrentar a realidade. Esta capacidade, aliás, seria uma consequência da primeira, pois é apenas através de projetos de vida que desenhem horizontes de renovação que o ser humano chega à sua realização.

Como modo temporal, o tempo futuro pertence ao tempo fenomenal. O futuro do tempo está, contudo, presente a cada tempo, o futuro, o presente e o passado. Esse futuro transcendental do tempo oferece, em certo sentido, o todo do qual o passado é apenas uma parte. O futuro do tempo é um reservatório de energia inesgotável.<sup>6</sup>

É neste momento que House realmente decide resgatar sua licença médica e voltar a fazer aquilo que realmente o satisfaz: utilizar seu raciocínio apurado para salvar vidas. Nesse sentido, cabe aqui a lembrança de outro personagem: o companheiro de quarto de House, Juan Alvarez. Verborrágico e sofrendo de um transtorno de bipolaridade, este paciente busca se colocar no grupo como alguém esperto, dissimulado e de grande capacidade criativa (principalmente ao improvisar alguns *raps*). Logo ele se torna cúmplice de House nos golpes que este aplica na equipe médica da clínica, como armar rebeliões entre os pacientes, conseguir acesso a áreas restritas da clínica e, principalmente, enganar os médicos quanto à ingestão dos medicamentos prescritos e aos exames solicitados. Ao final, porém, quando House resolve encarar o tratamento com seriedade, Alvarez fica desnordeado. Afinal, seu modelo de esperteza estava se rendendo aos desmandos da clínica. O que ele se dá conta, no final do episódio, é que a grande esperteza consistia exatamente em fazer o tratamento e poder retomar a vida fora da internação.

---

<sup>6</sup> MOLTSMANN, 2007. p. 122-123

## **A OUTROS SALVOU. A SI MESMO NÃO PODE SALVAR (Mc 15, 31b)!**

A cena final do episódio mostra House, dentro de um ônibus, indo embora da clínica. Ele está sentado no último banco e, às suas costas, o prédio onde ele estivera internado vai se afastando, na medida em que o veículo segue viagem. Em seu rosto, desenha-se um sorriso enigmático que, desta vez, não parece ser sarcasmo. Na verdade, o que ele deixa para trás não é apenas um lugar ou um período de internação, mas um passado que, até então, estava partido em fragmentos, quebrado por uma série de erros e distrações. Esta história não foi apagada nesta experiência de reabilitação, mas ressignificada: Gregory House pode fazer dela uma nova força em seu viver e não algo a ser oculto ou renegado. Talvez a experiência mais significativa pela qual ele tenha passado, porém, foi a de descobrir sua incapacidade de salvar a si mesmo.

Vivendo um decadente vazio de relações, a humanidade que se desenha no Século XXI parece ser carente de redescobrir a própria identidade na experiência de alteridade: fica, assim, repetindo-se em um existir de natureza depressiva, desejando que a vida não tenha mais surpresas que possam desencadear mudanças. Nisto, talvez, se encontre o grande espaço do qual pode emergir uma renovada experiência religiosa, na qual homens e mulheres, buscando uns aos outros, intuirão a presença do Totalmente Outro, na qual a verdade é revelada como unidade e projeto de vida. É tarefa da Teologia, então, auxiliar na leitura deste tempo e de seus sinais, para que as cruzes sejam assumidas esperançosamente e não destrutivamente. Mais do que isso: para que cada um sinta-se à vontade em sua própria identidade, mesmo na constatação de que esta se encontra em permanente construção, não havendo fórmula terapêutica suficiente para esgota-la.

Diante disso, voltando à seqüência final do episódio, o que se observa ali é um personagem vivendo seu processo de ressurreição e, neste processo, estendendo a redenção a diversos pacientes que o acompanharam em seu calvário: para a violonista emudecida, a voz e a musicalidade foram devolvidas; para o *Freedom Master*, a identidade heróica foi justificada; para Juan Alvarez, a esperança de melhora e alta foi

revelada. A passagem de House pela vida destas pessoas acabou se tornando início de uma nova vida, na qual a salvação foi vislumbrada não em um médico que possuía todas as respostas, mas em um paciente que não sabia o que fazer com suas dores.

## REFERÊNCIAS

DERROTADO. In: HOUSE M.D. Escrito por David Shore. Dirigido por Katie Jacobs. Produzido por Bryan Singer: Universal Studios, d2010. 1 DVD (120 min.), widescreen anamórfico, color.

LIPOVETSKY, Gilles. A Sociedade Pós-Moralista. Barueri: Manole, 2005.

MAY, Rollo. O Homem à procura de Si Mesmo. 34ª edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOLTMANN, Jürgen. Ciência e Sabedoria. São Paulo: Loyola, 2007.

PUEBLA. A Evangelização no Presente e no futuro da América Latina. São Paulo: Paulinas, 1982.

YORKE, Thom. No Surprises. Intérprete: Radiohead. In: RADIOHEAD. *Ok Computer*. Londres: Parlophone. Nova York: Capitol, 1997. 1 disco sonoro. Faixa 10 (3min 51s).